**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO**

**DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

**DISCILPLINA DE ETNOMUSICOLOGIA**

**CAMILA SCOTT POMPÉIA**

**Fora do Radar: algumas histórias do rock underground de Ribeirão Preto**

**RIBEIRÃO PRETO**

**2014**

Camila Scott

Colaboradores:

Matheus Poeta Morais

Will Vasconcellos

Entrevistados:

Kelsen

Matheus Poeta Morais

Otávio Melo (Tavinho)

Will Vasconcellos

Fora do Radar: algumas histórias do rock underground de Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2014

**Sumário:**

**1. Apresentação ...................................................................................................... 4**

**2** **. Introdução: Uma Contextualização Histórica ....................................... 4**

**3. Entrando pelas margens ............................................................................................. 7**

**5. Material adicional ............................................................................... 23**

**4. Referências Bibliográficas ......................................................................... 24**

A efervescência dos anos cinquenta mudaria a maneira do mundo ser mundo para sempre. Os contemporâneos do advento televisão não imaginaram a revolução que aquela caixa colorida e estridente instauraria nos quatro cantos. É a partir daí que as sociedades sentem-se legitimadas para romper velhos padrões; desmistificam-se mitos e sensos comuns, mudam posturas e, sobretudo, ousam e quebram velhos paradigmas. Com os avanços crescentes da tecnologia, o intercâmbio de informações alimenta vorazmente o processo de globalização, tornando possível difundir tendências, estilos, movimentos, ideologias, ondas e, ao mesmo tempo, fazê-las desaparecer tão rapidamente como apareceram. Cada década agora passa a vestir-se com cores próprias, revirando a cena sócio-cultural da juventude – que é onde tudo acontece.

A indústria cultural dirigida para a grande massa se aproveita das novas ondas para tirar seu sustento, transformando o que pode em mercadoria. Em contrapartida, a mídia teme aquilo que não pode controlar, deturpando ou simplesmente ignorando uma porção de informações que vão crescendo à margem de todo esse frenesi que compõe a Modernidade.

E é ali, nas margens da sociedade civil, especificamente na ala jovem, que uma gama infinita de cores brota e que gente autêntica faz sua história.

E é dessa forma que essa etnografia se constitui, apoiando-se na história oral que nunca antes foi ouvida, num recorte de espaço e tempo e gente que viveu e sangrou pelo puro prazer de respirar o ar das ruas, da música e da cordialidade do povo brasileiro.

Uma contextualizada histórica:

Na década de 50 o rock e a *beat generation* deram nova cara à sociedade, quando jovens da classe média e alta sustentavam movimentos intelectuais de esquerda, quebrando com o modelo social vigente e a pressão das expectativas sobre a juventude; falamos da liberdade poetizada por Walt Whitman e dos acordes de Elvis incendiando corações! Falamos de um cinema, um teatro e uma literatura que começa a apontar para as desigualdades sociais, criticando o sistema vigente, explanando a vida “de gente trabalhadora em revolta com o sistema de classes” (Bivar, 1988, pág 13). Falamos também das grandes tensões raciais e do papel da mídia controlando tudo, como Elvis – branco e bonito – fazendo sucesso ao copiar a música e o estilo de Chuck Berry - negro, mas o verdadeiro criador do chamado *rock and roll*.

Nos anos sessenta falamos no advento Beatles, nos movimentos estudantis, das primeiras e acaloradas discussões étnico-raciais, o homem pisando na lua, a Guerra Fria, Revolução Cubana, o encontro das correntes *Beat* e *Rock* que com a grande circulação de drogas alucinógenas (LSD) proveu os *hippies* e o movimento *Flower Power*. No Brasil sofremos o Golpe Militar de 64 – que, diga-se de passagem, uma certa casta da sociedade intitula recentemente de Revolução (!) - e a Tropicália (67), incrementando e renovando nossa cena musical. Em todo canto a juventude continuava a lutar para romper com seus grilhões, arrebentar com os paradigmas e as promessas de um futuro que insistiam em lhes entregar pronto.

Nos anos setenta chegamos aos punks, um dos mais chamativos movimentos de revolução estética e musical, influenciado pelo *minimal*, que segundo Bivar se traduz em uma “corrente artística que licenciava o artista a trabalhar o mínimo” (BIVAR, 94, pág 42), pela *BlankGeneration (Geração Oca)* “músicas com não mais de dois minutos de duração e letras que falassem dos problemas sociais urbanos (...)” (pág 42) e pela retomada do Dadaísmo: movimento anti-artístico dos anos vinte.

E depois do punk os anos oitenta instauram uma verdadeira guerra de estilos, a *New Wave* dizendo que tudo é novo e tudo o que é novo é *New Wave*! E o bacana mesmo é inovar, chocar, copiar e... desaparecer! O Brasil vive a Era de ouro do pop/rock, com bandas que marcaram uma época e que emulavam o rock inglês e americano; falamos em Legião Urbana, Capital Inicial, Titãs, Engenheiros do Havaí, Plebe Rude, Rádio Táxi, Ira, Lobão, Blitz e Paralamas do Sucesso, que arrastaram multidões e referendaram de maneira indireta o rock feito nos anos 60 e 70 por Raul Seixas, Erasmo e Roberto Carlos, Vimana, Mutantes e muitos outros.

E nos anos 90 engendram os embriões de tudo o que soa moderno hoje em dia: a Microsoft começou seu império, declaram mais uma guerra, a Guerra do Golfo, clonamos a ovelha Dolly (96), criamos o Real no Brasil (94) e vimos jovens de classe média atearem fogo num cacique Pataxó um dia após a comemoração do Dia do Índio. Na música perpetuam-se as bandas da década anterior, mantendo seu sucesso e reconhecimento, paralelo ao nascimento do grande movimento *Grunge*, no interior dos Estados Unidos, que invadiu a década de 90 e contagiou uma legião de garotos e garotas por todo o globo, com bandas como Green River, Soundgarden, Mudhoney, Mother Love Bone, Temple of The Dog, Pearl Jam, Alice in Chains, Stone Temple Pilots, Screaming Trees, The Melvins, Nirvana entre muitas outras. Com uma sonoridade pesada e crua o grunge representou, ao lado do punk, o que existe de mais underground na música, não só através do som bruto que era tocado, mas também pelas formas de agir e vestir, ignorando status e simplificando as aparências em calças rasgadas e camisas velhas e largas, tanto para os artistas como para o público *grunge*.

Ainda na mesma década presenciamos a decadência deste movimento, que foi grande e forte, intenso, porém rápido, e a ascensão do *hardcore*, com bandas como Ratos de Porão, Dead Fish, Cólera, Olho Seco, seguido pelo *emocore* e suas variantes infinitas.

E finalmente os anos 2000; Era das tecnologias, onde tudo é muito rápido, descartável e a palavra de ordem é crise. A indústria cultural segundo os critérios da obsolescência planejada vomita tanta coisa nova que quase não dá tempo de conhecer, e continua ditando moda e influenciando a garotado do mundo todo. Os ídolos do momento, nossos ícones musicais e culturais que sempre foram marcantes nas décadas anteriores, praticamente estão instintos; a banda de sucesso é a banda do mês, que pode ser completamente esquecida no mês seguinte; o volume de informações despejados através da internet é gigantesco e o público das grandes mídias absorve o que é despejado como uma esponja. A popularização da Internet e a facilidade de acesso a informações contribuíram para tornar tudo efêmero e momentâneo; institui-se a *Cultura da Idolatria*, onde seus fiéis, principalmente jovens, veneram de forma frenética e quase insana, certos artistas que acabam evaporando pouco tempo depois e de quem nem se lembram mais. As coleções de discos, fitas, CDs se tornam ilhas isoladas em um mar de músicas ouvidas *on-line* e que são substituídas e esquecidas em poucos meses.

Aqui no Brasil, os mesmos jovens que viram Kurt Cobain (94) e Renato Russo (96) caírem de seus pedestais, rasgam as suas roupas, deixam os cabelos crescerem, trocam entre si fitas e posteriormente CDs e se recusam a lavar o *All Star*. Bandas como Nirvana, Legião Urbana, Titãs e Ramones incendiavam os jovens corações, disseminando a vontade de estar nos palcos, segurando guitarras, quebrando paradigmas e buscando o seu “eu” na sociedade. O rock e suas variantes sempre proporcionaram aos jovens a possibilidade de externar os sentimentos e os conflitos de cada época, de poetizar o feio, o duro, o crasso. E numa cidadezinha quente do interior de São Paulo isso não é diferente.

Chegamos então à Ribeirão Preto, que nos anos 2000 fervilhava de tribos e templos, ocupando as ruas com seus rituais de encontro, principalmente entre as classes média-baixa e pobre. A cultura de rua, dos domingos ensolarados nas calçadas, resiste ao processo de urbanização e mantém o calor nas relações dos ribeirão-pretanos, especialmente na juventude que florescia com o descontraído espírito de união, como diz o produtor e DJ Matheus “Poeta” Morais: “naquela época você se sentava na calçada, conversava com seus vizinhos, enquanto a criançada brincava na rua. Pode ser que daqui há 60, 70 anos tenhamos algo similar, mas agora e para os próximos 10, 20 anos isso não vai acontecer”.

E a partir daí estão convidados para um mergulho no ápice do rock underground, visitando desde o se berço – e o berço é punk! – até suas ruínas, passando por várias movimentações (as que fomos capazes de nos lembrar) que sustentaram uma geração de artistas e seu público independentes.

Entrando pelas margens

Na década de 80 o rock começa a pingar na cidadela de Ribeirão Preto, e uma das primeiras figuras que surgem aqui e que comporia o underground mais tarde é Kelsen, *body piercing* e vocalista de uma das bandas punk de maior repercussão na região, sobrevivente por duas décadas deste solo quente, marcando corações e moicanos da juventude ribeirão-pretana. Falamos da Distúrbio Mental, que nasceu de experiências em 86 com som autoral em casas de amigos, Kelsen tocando bateria e compondo as letras, carregando no ombro instrumentos precários, como ele mesmo comenta: “As caixas de som às vezes paravam e tínhamos que dar socos para voltarem a funcionar. Faltava pele de bateria e a gente improvisava, era aquela coisa bem punk!”.

À partir do anos 90 a banda ganhou um nome: “Desemprego”, pois três dos integrantes estavam desempregados: “Quando fui dar um nome para a banda percebi que a realidade de praticamente toda a banda era a de desempregados, então Desemprego!”. A banda durou mais ou menos dois anos, deixando como legado um vídeo produzido e exibido no programa Domingo Legal, entre os anos de 91 e 92, ao participar de um concurso de bandas independentes. Foi a primeira vez na história que duas bandas do interior paulista foram para a final, com a exibição extraordinária de dez segundos do vídeo em rede nacional e em horário nobre.

A composição da Desemprego que lhes conferiu a produção do vídeo e dez segundos de fama foi “Não existe Califórnia brasileira” que posteriormente incorpora o repertório da Distúrbio. A letra critica a “propagando mentirosa” disseminada nos anos noventa e que perdura até hoje, comparando a cidade à Califórnia e criando a ilusão de riqueza que atraiu milhões de pessoas à procura de trabalho e ascensão social. Foi nos anos noventa que se instauraram aqui a maioria das favelas, o aumento dos assaltos, da violência e, consequentemente, da pobreza.

Mas porque uma banda punk, coberta de ideologias dos sapatos aos fios de cabelo levantados, se submeteu a produção de uma das maiores emissoras de televisão do Brasil num dos programas de maior audiência da época?

A história começa num bar da avenida 13 de Maio - e todo mundo sabe que quando a história começa num bar é porque com certeza é uma boa história! - onde os caras da Desemprego costumavam tomar um pileque. Numa dessas noites, haviam algumas pessoas que ninguém sabe como conheciam a banda e a canção “Não existe Califórnia brasileira”, e foram elas que os convenceram a apresentar a musica nesse concurso. Num primeiro momento a ideia causou ojeriza à Kelsen: “Olha, eu não tava a fim não, em primeiro lugar por que não queria aparecer na rede Globo\* (O Programa Domingo Legal é transmitido pela emissora SBT. Mantivemos o que foi citado pelo entrevistado, por não encontrarmos referências antigas do programa que indiquem a possibilidade de ter sido exibido por outra emissora na época e por considerarmos que Kelsen não assiste televisão.), menos ainda em horário nobre, e em segundo porque não é o lance, não tem nada a ver com o perfil da banda”. Mas foi Juninho, o baixista da Desemprego, que convenceu todo mundo argumentando que a proposta do programa era justamente quebrar a ideia de que Ribeirão era a Califórnia Brasileira. Deliberações à parte, eles abraçaram.

O encontro entre a banda e a produção da emissora foi no Hotel Nacional, onde Kelsen conta: “Eu estava de moicano, calça tudo rasgada, o cabelo arrepiado, coturno fudido, não sei o que... mas o pessoal tratou a gente como se fôssemos estrelas. Nos sentimos os bã, bã, bãns! Até o Vedinho que não tinha espetado o cabelo, pediu um sabonete para o pessoal do hotel que logo disse ‘Claro, claro, vem cá!‘. Então ficamos horas fazendo a gravação numa fazenda para aparecer menos de dez segundos no programa... nós contra as imagens dos *angry boys* (que aqui equivalem aos filhos de usineiros, em seus carrões tirando racha nos canaviais)”.

Logo após a produção do vídeo-clip a banda termina, voltando em 93 com dois novos integrantes: Juliano e Maurinho. Agora já falamos da Distúrbio Mental, com Kelsen assumindo os vocais e rasgando o gogó sob a influência do *Hard Core* finlandês: “O primeiro ensaio foi uma bosta, deu vontade de chegar e dizer pra deixar pra lá, que ninguém sabia tocar e que não ia sair nada dali. Na outra semana já tiramos algumas músicas. Duas semanas depois tocamos em um evento em frente à loja do Noel, uns sete ou oito sons!”.

Se nos anos oitenta não era nada fácil conseguir informações e materiais (fitas, CDs, camisetas, e quaisquer acessórios) de rock, nos noventa a vida dos roqueiros começa a mudar. A lojinha do Noel foi uma das primeiras lojas da cidade a trazer as novidades do rock para a garotada, além de equipamentos para skatistas e a calçada da frente que magicamente se transformava em palco para as bandas iniciantes. A loja Rock Shop funciona até hoje e Noel está firme e forte, porém sem promover os saudosos shows de calçada.

Nos anos noventa então, a cidade de Ribeirão começa a colorir os esboços feitos pela galera do rock da década anterior, que contava apenas com as casas dos amigos para tocar, e iam aparecendo mais e mais lugares, como diz Kelsen: ”Nessa época os eventos rolavam na rua, como por exemplo em frente à loja do Noel, que colocava rampas de skate e aparelhagem na calçada”.

Em 94 a UGT da Rua José Bonifácio que estava desativada, serviu de espaço para dois eventos punks, organizados no transcorrer do ano pelas bandas punks e pós-punks que estavam começando a colorir a cena da época. A Escola de Música *Clim*, o Noel e o pessoal do *Rush Underground* também começava a organizar eventos esporádicos. Aqui surge a primeira casa de shows underground da época – e a única que até hoje ressoa na rua Daniel Kujawski próxima a avenida Francisco Junqueira – conhecida como Paulistânia, um dos primeiros espaços oficiais que abrigou aquela parcela da juventude ribeirão-pretana que se deixava consumir pelo turbilhão de emoções liberadas pelo *rock*. Nas bases de toda efervescência de bandas que vão surgindo, não podemos deixar de mencionar além da Distúrbio Mental, a Necrofobia e posteriormente a Verbo Perfeito, as “bandas dinossauro” da cidade, que instigavam a veia *rock* da garotada e o surgimento de novas bandas; novas e velhas, todas se uniam por um ideal.

E paralelo a esse movimento, a Distúrbio começa a se apresentar mais fora do que dentro da cidade, ficando às vezes meses sem tocar em Ribeirão, mas com show marcado todo mês em cidades vizinhas. “Oitenta por cento das cidades que eu conheço foram através da Distúrbio Mental”, diz Kelsen.

Já no final da década, os lugares para as bandas independentes aumentam ainda mais: são calçadas, praças, chácaras alugadas, o Paulistânia e onde mais a criatividade e a vontade de unir as tribos permitisse. A cada dia apareciam bandas novas, a juventude fervilhava de criatividade e autoria, fazendo rock nos mais variados estilos e juntando tudo nos espaços que se abriam para acolhê-la. Alessandro Maraca, que em 2011 assume como Secretário Municipal da Cultura da cidade e lá pelos anos noventa era ativista cultural, organizou os primeiros eventos no Teatro de Arena, que acontecem até hoje sob o título de Arena Rock.

Em 98 Rômulo Ramazine e Maraca organizam juntos um show da Necrofobia na periferia da cidade, pelas bandas do Quintino II, levando o movimento central da juventude para ocupar os bairros afastados – que era também onde essa garotada morava. A Necrofobia foi a primeira banda a gravar um disco em Ribeirão.

Na passagem dos anos noventa para a era 2000 Kelsen cria uma nova personagem para fazer história na cidade: Abigail Papilon, que faz sua primeira aparição no Chatanuga, uma casa abertas às discotecagens, de liga e tapa sexo. O boato se espalha pela cidade toda e Kelsen, como um bom punk que sempre foi, choca o conservadorismo da cidade e injeta adrenalina na veia dos novos punks. Mais ou menos nessa mesma época a garotada ganha um dos mais queridos e memoráveis espaços de experimentação musical: o Porão, casa que surge inicialmente na rua Lafaiete esquina com a Visconde, famosa por suas matinês e pelas portas abertas ao novo contingente de bandas autorais da garotada. A última apresentação da Distúrbio é ali, no seu próprio aniversário de 18 anos, *Live in Porão*.

O Porão se torna a alegria da molecada, que ia a pé para poder gastar o dinheiro do ônibus na compra de um goró. Às vezes o troco não dava nem para entrar, mas ficavam ali na porta, juntos, curtindo o som e organizando as caravanas de volta para os bairros. “Muitas vezes ficava mais gente para fora do que para dentro”, diz Will Vasconcellos, vocalista da banda Verbo Perfeito, que também conhece e se identifica com o tal do *rock* na adolescência, “Mas havia aquela troca de ideias sobre o *rock´n roll*, todo mundo querendo saber de tudo, participando juntos de um movimento. No meu ver, o pessoal que frequentava o Porão era muito mais engajado do que no Paulistânia; era movido pela paixão.”

A história que aproxima Will do *rock´n roll* começa lá pelos treze, quatorze anos, época que segundo o vocalista, nunca imaginaria fazer parte dessa cultura que hoje bombeia o sangue nas veias. E é na calçada da *Rock Shop* que, ao acompanhar o irmão mais velho a um show, presencia a garotada trocando revistinhas de música. Uma especificamente lhe roubou a atenção e, posteriormente, o coração: era Alice in Chains, que transforma definitivamente aquele menino singelo numa das grandes personalidades (e, na opinião da autora, a mais cativante) do undergound ribeirão-pretano.

Outra grande personalidade fruto dos anos oitenta, que levanta a bandeira do underground fazendo a portaria de quase todas as casas de rock independentes que surgiam e mais tarde morreriam na cidade é Tavinho, que também conhece e se enamora pelo *rock’n roll* na adolescência, também através de um irmão mais velho de um amigo que lhe traz uma fita do Iron Maden.

Assim que os primeiros acordes de *rock* penetram pelo seu aparelho auditivo, direto ao seu cérebro e então ao coração, Tavinho percebe que esse é o alimento de sua alma e passa a buscar por si próprio mais bandas e mais emoção para colorir sua vida. Deixa o cabelo crescer e assume a identidade *head banger*, enquanto a turma com que cresceu vai se dividindo e agrupando-se na mais variada gama de estilos.

Entre a passagem dos anos noventa para os dois mil, Tavinho, enfrentava a dura rotina de um cabeludo adepto ao *rock* numa cidade de matriz conservadora, batalhando dia à dia pelo pão, pelo leite para as duas filhas e pela cerveja gelada no boteco. Nessa época consegue trabalho num Fliperama, e é lá que conhece os donos do Porão, Dony e Magda, quando aparece afim de comprar uma máquina de jogos para a inauguração da casa. Quando se lembra desse primeiro encontro, Tavinho comenta animado: “Eu fui o primeiro a entrar no Porão!”.

Um tempo depois, Tavinho sai do Fliperama e passa a trabalhar numa lojinha no centro da cidade, vendendo camisetas, Cd’s e uma infinidade de acessórios de rock. Lá reencontra os donos do Porão, numa de suas peregrinações rotineiras pelos pontos estratégicos da região central colando cartazes para divulgação dos eventos no Porão. O cartaz que ficou na entrada da loja se transforma no convite especial para Tavinho curtir o show do próximo final de semana e, é paixão à segunda vista!

Tavinho começa a frequentar a casa todos os finais de semana e logo se torna amigo do tio Dony e da tia Magda, que lhe convidam para cuidar da portaria em um evento próximo que se chamaria Escalada Rock: uma seletiva organizada por Maraca para as bandas que queriam participar do Arena Rock de 99.

Nesse meio tempo o cunhado do tio Dony, que era ninguém menos que o dono do Paulistânia, também precisava de alguém para cuidar da portaria da casa e logo Tavinho é indicado ao cargo. Como no Porão as programações começavam cedo e acabavam cedo e no Paulistânia a balada era para mais tarde, Tavinho abraça o convite e começa sua carreira como porteiro de casas de show underground nessas duas casas.

Tanto no Porão como no Paulistânia, a organização das funções de trabalha eram divididas em três: os donos no caixa e no bar e o Tavinho, que saía do Porão antes de terminar e chegava no Paulistânia depois de já ter começado, cuidando das portarias.

E em sua posição privilegiada de porteiro, acompanha o transcorrer dos eventos ao mesmo tempo de dentro e de fora. Ali, na calçada, ele assistiu às mudanças de tempo, do público e do comércio musical. Ali ele conheceu gente, analisou minuciosamente a complexidade das relações interpessoais e o comportamento das pessoas na dialética do tempo, acompanhando as várias fases da juventude da cidade. Como ele mesmo conta: “É engraçado que o pessoal do rock, você conversa umas duas, três vezes e já tem uma amizade que parece ser de muito tempo. É um estilo muito fechado, são poucas pessoas que se envolvem, mas são pessoas fiéis!”.

Agora que o rock já estava acomodado na cidade, entramos finalmente nos anos 2000, onde os eventos rolam todos os finais de semana, sempre lotados, dividindo o público principalmente entre as duas casas que já conhecemos: o Porão, fervendo com sua cultura de bandas iniciantes e DJ de *rock* valorizando as bandas autorais da cidade (como a Prole 69, Strax e Verbo) e o Paulistânia, que sem fugir da veia *rock* organizava seus eventos pensando numa faixa etária mais velha e suavemente mais endinheirada.

É aqui que nasce uma terceira casa: a Mogiana, localizada na baixada da Vila Virgínia, conhecida anteriormente como Vila Vulcão, que contava como decoração local de entrada um antro de mendigos e andarilhos do bairro. Apesar da aparência “barra pesada” era um dos lugares preferidos pela ala jovem, especialmente pelas bandas, que contavam com um palco amplo para se apresentarem, boa aparelhagem e arquibancadas laterais que acomodavam confortavelmente o público, liberando o espaço central em frente ao palco para os bate-cabeças. Os donos, Sandro e Renata começaram trazendo bandas de *heavy metal* iniciantes na época e que hoje são conhecidas nacional e internacionalmente. A Verbo Perfeito, banda oriunda da Vila Virgínia (ou do Jardim Centenário como a letra de “Ribeirão Preto Morre Lentamente” aponta) que completou dez anos em 2014, era uma das atrações principais do Porão e do Mogiana, como comenta Will, ao lembrar dos saudosos anos 2000: “Quando começamos a tocar na Mogiana éramos conhecidos como a banda da Vila Virgínia, que colocava mais peso nos eventos já pela fama que o nosso bairro levava”.

O Porão e a Mogiana eram locais onde a galera jovem podia brincar de ser astro do rock, entrar sem RG pagando dois reais e dormir abraçado ao vazo sanitário, enquanto o Paulistânia mesclava muitas bandas *covers* mantendo um público alvo um pouco mais seletivo.

Foi nessa época o grande *boom* de bandas autorais, principalmente formadas por adolescentes e recebidas com alegria nesses espaços. Uma das diferenças significativas dos anos noventa para os 2000 é o tempo de duração das bandas; quando nos anos noventa elas improvisavam o local e a aparelhagem para tocar apenas para seus amigos, nos 2000 eram disputadas entre as casas. Falaremos mais disso à seguir.

A Mogiana que de cara se transforma em sucesso, não demora a transcender o puro e caricato *metal* e passa a diversificar os estilos, apresentando as mesmas atrações do Porão. Para as bandas, o intercâmbio ajudava bastante no deslanche e, por se tratar de um espaço maior onde mais pessoas iam para prestigiar os shows, passam a ficar cada vez mais conhecidas e a receber vários convites para tocar em palcos de bares de outras cidades, incluindo a grande São Paulo, gravar CD’s, etc.

E não dá para falar em anos dois mil sem citarmos o cabeludo que vivia pra lá e pra cá com sua bicicletinha, mochila nas costas, bandana na cabeça e camisetas de banda, que resolve sair da plateia e virar produtor de shows, nestas casas abertas ao *rock* adolescente. O primeiro evento organizado por Poeta foi em 2006, no Porão, com a apresentação de quatro bandas, onde a sorte resolveu curtir um pagodinho noutro canto da cidade e o deixou com alguns percalços: a Strax estoura a corrente do pedal logo na passagem de som e o cubo de guitarra (que era emprestado) queimou logo na primeira banda, a Saliva, que depois passa a se chamar Sad mantendo seu viés Nirvana. Mas o que vale é a diversão, não? É, acho que uns trocados pro busão também ajudam... E por incrível que pareça Poeta termina o evento com o a passagem garantida e histórias guardadas em muitas daquelas cabeças que chacoalhavam para frente e para trás da primeira à última banda...

Os eventos por si mesmos nunca bastaram para um bom roqueiro; havia um ritual que começava na panfletagem e Poeta e sua bicicleta eram cúmplices inseparáveis de poste em poste, muro em muro, e também nas fugas policiais. E relembrando desse fato, Will acrescenta: “Às vezes eu tenho a impressão, não sei se é porque sou velho, que os panfletos chamavam muito mais gente para os shows do que esse eventos criados em facebook”.

E depois dessa primeira experiência Poeta continuou, trazendo bandas da região, de Bebedouro, Sertãozinho, Batatais e mesclando-as com as de solo ribeirão-pretano, promovendo um verdadeiro intercambio sócio-musical. Além da panfletagem o Orkut e o Fotolog eram excelentes veículos de divulgação para os shows, pois o pessoal tinha o hábito de buscar e seguir as programações culturais através de suas redes de amigos, que eram menores e mais tímidas que as de hoje em dia. Paralelamente aos eventos organizados pelo Poeta, vão surgindo novas caras na cena de organização de shows undergrounds. Uma delas é Rafael Lucas, adepto à nova maneira de financiar os eventos: enquanto era usual apenas cobrar apenas as entradas e a preços acessíveis, Rafael determina a quantidade de ingressos a serem vendidos pelas bandas que participariam das apresentações, com antecedência.

Já em 2008 as organizações estão nas mãos de Kadu, Poeta, Refúgio, e muitos outros. Era gente demais fazendo shows sem se preocupar com o calendário, que continuava com 30 dias no mês e apenas 4 finais de semana. Muitos eventos coincidiam no mesmo dia, o que acabava fazendo com que um dos eventos se arruinasse. Houveram tentativas de tentar conciliar as agendas, porém aqueles organizadores que viveram a adrenalina dos eventos de rock esperavam tanta fidelidade de seus respectivos públicos que acreditavam que um show lotado não implicaria noutro vazio. E continuaram a competir sem querer as plateias da época.

Will, que aqui havia montado um trabalho paralelo à Verbo, chamado Escravos da Maça Don, salienta esse período da noite ribeirão-pretana: ”Com o Verbo e a Maça Don eu já cheguei a fazer três shows num dia! (...) Se você quisesse tocar naquela época você tocava muito! Quando fui lançar um CD da Verbo Perfeito tive que faze um lançamento no Porão e um na Mogiana, conversando muito com os dois para ninguém ficar enciumado. Teve mão de fazermos três shows numa noite, para agradar um e o outro! E eu gosto, faria até hoje!”.

Em 2007, no auge das festas de rock adolescentes, o ciúme rolava solto, assim como tretas entre os donos dos bares e os organizadores de eventos. Mas apesar de toda essa disputa por público e bandas, o cansaço e as frustrações, todos se recordam saudosos dos anos dourados de 2000.

Aqui a cultura do “rock de rua”, principalmente nas praças e no novo *shopping center* central, cresceu. Se você chegasse na Praça Luiz de Camões, próxima a av. 9 de Julho, na Praça Sete de Setembro ou no Shopping Santa Úrsula se depararia com um festival de moicanos, sobretudos, correntes e *all star’s* conversando em grupinhos, bebendo vinho ou pinga e trocando ideias sobre sons, bandas, enfim, compartilhando suas ideologias. Foi o auge do movimento do *rock* independente de Ribeirão Preto, recheado de bandas autorais da cidade e muitas outras de cidades vizinhas que vinham tocar em nossos palcos; desde São Paulo, Campinas, até Rio de Janeiro. A Fresno – antes de ficar nacionalmente conhecida – se apresentou na Mogiana, no ano de 2006.

Um dos eventos mais lotados e rememoráveis na Mogiana foi em 2005, com a banda Tolerância Zero. O que mais agradava na organização de eventos dessas casas undergrounds como Porão e Mogiana era a liberdade que se tinha ao assumir o compromisso da organização no quesito financeiro, como menciona Poeta: “Não se pagava nada para alugar o lugar, tínhamos que nos responsabilizar só pelo cachê da banda, o dono da casa ganhava com a venda do bar”.

No final de 2008, Poeta produz o evento natalino mais animado que os roqueiros dessa cidade já viram: o *Christmas Rock,* com direito à comemoração de 18 anos da Su Morais (irmã de Poeta e pra quem destinamos os créditos de imagens da maioria desses eventos que marcaram nossos corações).

Mas fugindo um pouco da cena independente dessa época, institucionalizam-se eventos com patrocínios de marcas e emissoras de rádio Budwise e Difusora, com o nome de Ribeirão in Rock, que era um braço do João rock, trazendo bandas grandes e já famosas como Glória e Raimundos, sem incluir as bandas independentes da cidade. O movimento underground tenta criar um projeto de lei municipal que obrigue eventos musicais a colocar bandas locais para fazer a abertura desses shows, porém sem sucesso, pois cai-se na inconstitucionalidade; não se pode interferir na seleção das bandas de eventos particulares.

Mas o gás rock começa a acabar no botijão (afinal, tudo o que é bom dura pouco, não é mesmo?). O Paulistânia em 2008 está abrindo suas portas para dez, quinze pessoas, mesmo com apresentações de bandas adoradas pelo público como Micróbios Experience e Senhor X. No começo do mês essa contagem era maior, mas a galera que viveu pelo *rock* estava mudando. E, com seu reconhecido bom humor, Durval, vulgo dono do Paulistânia e cunhado do tio Dony, começa a ameaçar locar o bar para tocar Sertanejo, Forró, Axé, o que fosse, mas que rendesse dinheiro. E quando pensamos numa das poucas casas undergrounds abertas para um estilo que não é interessante para a industria cultural no seu sentido lato, Will não resiste e pergunta à Tavinho: ”Se ele na época tivesse montado um pagode do Paulistânia, você trabalharia?”. Talvez a autora nem precise transcrever a resposta. Mas eu também não tiro a camisa suada do rock, mesmo rasgada, velha e suja. Então, Tavinho responde, honrando nossa paixão ideológica: “Não, não e não! Eu acho que se um dia e não tiver mais um bar de *rock´n roll* em Ribeirão, eu vou ficar meio perdido e totalmente desempregado. Eu sempre trabalhei com isso, não é pelo dinheiro, meu carinho é pelo som, pelas bandas e não consigo ficar longe!”.

O que era comum aos donos das casas de show independentes, pela visão de Tavinho que as conheceu bem: “Se havia um evento marcado, a noite ia transcorrendo e não aparecia ninguém, ia surgindo um clima ruim, que se antecipava ao fechamento do bar e aos pagamentos que deveriam ser feitos”. Mas nada disso importa quando ele se recorda alegremente das figurinhas que guardou ao longo de sua história marginal: “Eu tomei uma ceva com o Blaze Bayley (ex-vocalista do Iron), num evento lá no Vila Dionísio, (...) depois fomos ao hotel onde ele estava hospedado. A piscina estava trancada, não podíamos ficar na recepção então foi toda aquela galera para o quarto do cara, que ignorou o fardinho de Budiwase que eu tinha levado e quis tomar a cerveja daqui do Brasil, a Brahma”.

Mas o público foi mudando. Isso ninguém nega: “Ninguém ia mais para um bar para curtir o som”, comenta Tavinho, “a garotada estava cada vez mais dentro de casa, em frente a um computador e o pessoal mais velho sai na noite atrás de mulher e cerveja gelada.” E Will complementa: “O pagode, por exemplo, só está embalando o seu rolê. E o rock hoje em dia está posto para o mesmo fim.”

Tavinho acredita que sempre haverá alguém que escute o *rock’n roll*, o que diminui cada vez mais é a paixão, o envolvimento, a entrega pela coisa em si. O clichê da tecnologia que aproxima e ao mesmo tempo afasta não mente ao tornar tudo descartável, passageiro, moda. Uma das coisas que mais o entristeceu nas portarias dos três bares que trabalhou (aqui acrescentamos mais um: o Bronze Night Club, que hoje permanece como uma das últimas casas de show underground da cidade, ao lado do Paulistânia) foi inferir que as pessoas passavam a não ligar mais para o que estava tocando, mas sim para a estrutura, a cara do bar, a marca da cerveja e as pessoas bonitas que o estão freqüentando. Ele mesmo afirma: “Hoje em dia, não adianta nada pegar um barzinho comum, colocar umas mesinhas para fora e um rock tocando, porque não vai virar. Hoje em dia o pessoal vai muito pela balada e não mais pela banda. A música se tornou apenas uma conseqüência, pois mesmo público do Vila Dionísio, por exemplo, que assiste bandas super legais que se apresentam ali, poderia estar noutro barzinho qualquer.” E continua, divertido: “A galera chegava na porta do Paulistânia, por exemplo, e perguntava o preço da ceva e se tinha muié. Ninguém queria ver e curtir o que estava tocando. Eu respondia véi, tem muié, mas eu não sou o Santo Antônio pra arrumar alguém pra você!”.

As próprias bandas do começo dos anos 2000 tinham uma mentalidade diferente. Poeta lembra que normalmente haviam sempre alguns dos integrantes no começo do evento, assistindo todas as bandas, o que fortalecia muito a cena. Ele diz: “Naquela época havia o hábito de emprestar aparelhagem, era quase tudo comunitário. As bandas se conheciam, acabavam o show e estavam trocando ideias. No final dos anos 2000 chegavam na hora de tocar, tocavam e iam embora, não emprestavam nada, pois nem se conheciam. Não tinha mais aquele companheirismo, aquela ligação. Era um negócio meio robótico, automático”. À esse respeito, o produtor acusa os preços dos eventos contribuindo para a desvalorização das bandas independentes: “O grande erro talvez tenha sido o de continuar cobrando R$ 3,00 ou R$ 5,00 o valor da entrada, pois se cobrássemos mais caro, o pessoal entraria e assistiria o evento do começo ao fim!”.

As casas de show também foram se adequando a esse público que já não era tão jovem assim e, conforme os estilos mudaram, as casas acompanharam mudanças. As sobreviventes, hoje Paulistânia e Bronze, foram as que já costumavam organizar seus eventos ao redor do cover, abrindo para esporádicas apresentações autorais, mas direcionados à um público mais velho. Hoje em dia, tanto Paulistânia quanto Bronze, abrem suas portas de quinta à sábado para bandas de *rock* ambientes que embalam a sua cerveja. Na primeira casa você ainda tem direito à discotecagem, que a entope com o dobro de pessoas que realmente cabem lá dentro. Na segunda você encontra Tavinho, firme em sua portaria. Porém, as sobreviventes do underground relutam aos eventos com bandas autorais, pois estes realmente não atraem mais o público de hoje. Não vemos mais aquela molecadinha curtindo a noite, pulando de bar em bar, de praça em praça. “Tudo é por época. Naquela época (falando dos anos 2000) o pessoal valorizou som próprio, hoje em dia o povo ficou velho e chato. A internet fudeu grandão, enterrou, sepultou o que era vivo na juventude!”, comenta Kelsen salpicando sarcasmo e firme em seus princípios que não lhe permitem até mesmo ter telefone celular.

“Hoje em dia você não se reúne mais num bar, você cria um grupo no whatsapp!” complementa Poeta, que sente falta da cultura de rua da adolescência badalada, mas tem telefone celular com whatsapp “Antes a gente simplesmente saía e encontrava a galera na rua. Os pontos de encontro eram sempre os mesmos: Praça Sete, Porão e Mogiana ou o Shopping Santa Úrsula.”

Contudo, além do advento da Internet, outro item implica no declínio dos eventos da juventude rock e no fechamento das casas em Ribeirão: o aumento da fiscalização, que combate o recheio de menores de idade nesses eventos. O fechamento da Mogiana, especificamente, se dá após o flagrante da filha de um juiz no banheiro aos amassos quentes com outra menina, por um policial à paisana colocado no evento pelo próprio pai.

Tavinho conta como antes a cultura do fliperama também se perdeu, de repente, substituída por qualquer outra tecnologia mais interessante. Assim como a cultura de pregar cartazes pelos postes. Tudo isso fazia parte de um ritual existencial, um modo de vida para as pessoas de um determinado lugar, num determinado tempo. E a globalização prestou uma grande serviço ao homogeneizar as ideologias, numa tentativa de controle global, ditando moda. Por fim, o porteiro underground, que respirou o rock da pátria do café, vê pouco a pouco acabar o alimento de seu espírito: “Eu peguei sempre os finais das épocas de ouro dos bares. Fui um dos últimos a trabalhar no Porão e no Paulistânia, antes do bar ser alugado para um terceiro”. E termina: “Ribeirão é uma ilha cercada de cana por todos os lados”.

No finalzinho dos anos 2000, lá para 2009, uma nova cultura incendeia a molecada: o *Emocore*, palavra derivada de *Emotional Core* e de bandas como Sunny Day Real State, vindo de lá de cima do mapa, bem do meio dos Estados Unidos, pegando uma raspinha do *Hard Core* e incrementando-o com letras confessionais e melancólicas.

Aqui em Ribeirão, a cultura Emo chega com toda força. Como diz Will: ”E é aqui que começa a ruína do rock em Ribeirão. A moda Emo até que alavancou os bares, tinham eventos feitos exclusivamente para eles, mas quando acabou parece tudo foi arrastado para baixo”.

Os eventos passam a ser organizados mediante à venda prévia de ingressos. Cada banda tinha que vender uma média de 30 à 40 convites para garantir sua própria apresentação. Poeta acha que o grande problema foi as bandas aceitarem essa responsabilidade: “Eu acho que o grande erro foi esse naquela época, porque se as bandas todas se unissem e dissesse ‘não, não vou vender, não vou pagar para tocar’ talvez teríamos evitado a decadência da nossa cena independente. Poeta continua: “A banda tinha que pagar pra ensaiar, tinha que vender convite, ou seja, pagar para tocar e os eventos não tinham estrutura para recebê-las. Muitas vezes não tinha retorno de som, pedestal de bateria, prato, pedestal de microfone... Os cabos eram terríveis!”

Quando Poeta se lembra dessa fase, e dos eventos que produziu, um arrependimento lhe ocorre: “Como produtor, me sinto mal por não ter comprado a aparelhagem, pelo menos o básico. A gente estava juntando dinheiro, mas o show do Lipstick, aquela banda de Sampa só de meninas que tocava na Difusora, atrapalhou nossos planos...” A esse fato, Poeta se refere a uma cláusula mal lida do contrato com a banda, que lotou a casa Mogiana fazendo um ótimo show, porém, Poeta esperava assumir os gatos de estadia, alimentação e cachê, mas no final descobre que o transporte também estava incluso. E foi o pai de Poeta que assume o prejuízo, “prejuízo bem instaurado”, pois não há amargura quando ele se lembra desse evento de 2009. Dizem as más línguas que Poeta estava muito bravo, que ninguém podia olhar para ele no dia do show, mas deixemos isso para outra história...

Mas mesmo assim, foi depois desse show que nosso pequeno produtor (pequeno em tamanho, não em vontade) começa a desanimar da organização de eventos undergrounds na cidade. O público já não acompanhava o show até o final, chegando para assistir uma banda específica e indo embora, enquanto em outras cidades da região a cena ainda era forte, recebendo bandas e o público de fora, que incluía os poucos remanescentes do rock de Ribeirão. Mas foi persistente! Depois do show da LipStick organiza ainda mais alguns eventos: Drive-in, Fake Number e Upset Kids e o aniversário memorável de 18 anos da Distúrbio Metal, em março de 2009. Ainda os shows da Verbo, Abiosi e Alfa zero. No segundo semestre de 2009, a Verbo acaba, após um último show em agosto, para voltar à atividade no ano seguinte, com muito mais gás.

Em 2010, Poeta produz mais dois shows e para definitivamente. Não havia público, estrutura nem vontade por parte dos donos das casas de abrir o espaço, tendo certeza dos gastos, mas não do retorno financeiro.

Os donos da Mogiana, após fecharem a casam mantêm um comércio de instrumentos musicais na baixada até hoje. Tio Dony e tia Magda moram onde há pouco tempo chamávamos de Porão.

Viajando quase outra década no tempo e pousando em 2014, Will Vasconcellos, que ainda faz ressoar os aacordes de suas canções pelas noites ribeirão-pretanas, indaga: “A molecada parece que foi crescendo e sumiu. Sinto falta de ao ter voltado a tocar, não ter visto mais a meninada jovem. O rock precisa de molecada nova e esta não está renovada. (...) Hoje em dia, o moleque de 16 anos, onde está?” À esse respeito, Poeta infere que: “esse não é um problema do rock, é um problema da sociedade. Ou o jovem tem dinheiro e está com RG falsificado numa balada, ou é muito pobre e está na rua, ou é classe média e está trancado dentro de casa na Internet. E é o caso da grande maioria.” E quando se refere à própria adolescência classe média/baixa, conta: “A gente chegava na galera da escola numa sexta-fera e a conversa era essa: ‘Vamos ao Porão?’ ‘Mas o que vai ter lá?’ ‘Não sei, vamos lá!’ E a gente ia, sem saber quem ia tocar. Se gostávamos, ficávamos, do contrário íamos jogar sinuca, ou ficávamos parados na porta mesmo, juntos, curtindo o movimento do evento”.

Will menciona: ”A falta de uma cena ativa não permite gerar coisas novas... a gente assistia uma banda e pensava ‘pous, eu quero ser melhor do que esse cara!’. Era uma competição positiva! De qualquer maneira hoje não temos nada mais para nos impulsionar! E aquilo serviu para aquela molecada daquela época, não serve para a juventude de hoje. É uma outra época social. Quantas músicas eu não fiz naquela calçada, em frente à minha casa, na Vila Virgínia? Quantas noites passamos ali trocando ideia? Mas como banda, temos que saber nos adaptar à essas mudanças.” E continua: “Hoje em dia o rock não é a música mais ouvida, nem em Ribeirão, nem em lugar nenhum do Brasil e talvez nem do mundo. Aqui essa nunca foi a música mais ouvida, os bares se mantinham às duras penas”.

Mas se mantiveram. Foram quase três décadas árduas e animadas, que ficaram nos corações de quem hoje se encontra, ao redor de uma cerveja, para relembrar os velhos tempos.

E para os que viveram como dinossauros do *rock*, falando nostalgicamente dos anos mais ricos da velha cena underground de Ribeirão, Poeta acrescenta: ”A gente tem que lembrar do começo dos anos noventa, eles não tinham de onde começar e começaram. E é isso que precisa ser feito de novo em Ribeirão Preto, montar algo do nada. Admiro os meninos do União Underground que estão fazendo eventos hoje em dia, e dependerá deles vingar ou não essa nova tentativa de instaurar uma cena musical independente na cidade. Será uma coisa diferente. Não vai existir nada igual o que existia aqui, nunca mais. (...) O rock não é mais para meninada, e talvez parta do pessoal daquela época preencher esses novos eventos e fazer vingar”.

Anne, esposa de Poeta, sentada confortavelmente no chão brincando com a filha de três anos e lindos cachos castanhos na altura dos ombros, olha para nós otimista e acrescenta: “Talvez não nessa geração, mas na geração da Alice, quando ela estiver na adolescência, volte a se fazer eventos como os que a gente curtiu, presenciados pelos filhos daqueles pais que fizeram parte da antiga cena underground de Ribeirão”.

E é assim que terminamos nossa etnografia, comemorando o retorno da Distúrbio Mental em no dia dois de novembro de 2014, cheia de vontade de ser jovem, de fazer rock e de ver camisetas velhas embebidas no suor de quem continua pulando aos acordes enérgicos de uma música que veste gerações da cabeça aos pés, desde os anos cinqüenta, e que nunca morrerá.

Material adicional:

<https://www.youtube.com/watch?v=ozScYJY4b18>

<https://www.youtube.com/watch?v=xwYQYeZxOo4>

Bibliografia

BIVAR, Antônio. **O que é Punk.** 4a Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. **(**Coleção Primeiros Passos, 76)